

A oralidade sob um olhar dialógico: reflexões entre as ideias de L. A. Marcuschi e os escritos do Círculo

Orality from a dialogical perspective: reflections between the ideas of L. A. Marcuschi and the writings of the Circle

Terezinha da Conceição Costa-Hübes¹
Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste)
tehubes@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0002-9063-7982>

Rodrigo Acosta Pereira²
Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)
drigo_acosta@yahoo.com.br
<https://orcid.org/0000-0003-0148-8725>

Resumo: No artigo, sustentamos a tese de que a oralidade é uma prática dialógica de linguagem que se orienta na/com/para a interação entre sujeitos. Essa compreensão sustenta-se em uma abordagem linguístico-filosófica de base sociológica e dialógica, propagada/defendida nos escritos do Círculo (Bakhtin, 2003 [1952-1953]), 2010 [1929]; Volochínov, 2013 [1928], 2013 [1930a], 2013 [1930b], 2017 [1929]; Medviédev, 2012 [1928]). A partir dessa orientação, interessa-nos resgatar as ancoragens teóricas de L. A. Marcuschi (1991, 1997a, 1997b, 2001, 2004/05, 2005a, 2005b, 2007, 2008) para o estudo/compreensão da oralidade na perspectiva de estabelecer aproximações entre as ideias desse autor com as ideias dos escritos do Círculo. Metodologicamente, trata-se de um estudo teórico-analítico, com pretensões didáticas, pois entendemos que compreender a base linguístico-filosófica na qual se sustenta uma proposta de ensino de oralidade é fundamental para tomadas de decisões na condução dessa prática na sala de aula. Os resultados desse estudo nos mostram que há aproximações entre as ideias de L. A. Marcuschi e as ideias do Círculo, pois ao tratar de conceitos como língua, enunciado e gêneros textuais, o autor entretetece-se

¹ Professora Doutora do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual do Oeste do Paraná.

² Professor Doutor do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina. Pesquisador CNPq-PQ2

da compreensão sociológica e dialógica da linguagem, acrescentando, porém, a esses termos, outros tons valorativos, na perspectiva de torná-los mais compreensíveis ao contexto de ensino.

Palavras-chave: Ideias linguísticas do Círculo; Ideias linguísticas de Marcuschi; Oralidade.

Abstract: In this paper, we support the statement that orality is a dialogical language practice that is oriented in/with/for the social interaction between subjects. This understanding is based on a linguistic-philosophical approach with a sociological and dialogical basis, defended in the writings of the Circle (Bakhtin, 2003 [1952-1953]), 2010 [1929]; Volochínov, 2013 [1928], 2013 [1930a], 2013 [1930b], 2017 [1929]; Medviédev, 2012 [1928]). From this orientation, we are interested in recovering the theoretical basis of L. A. Marcuschi (1991, 1997a, 1997b, 2001, 2004/05, 2005a, 2005b, 2007, 2008) for the study of orality from the perspective of establishing approximations between the ideas of this author with the ideas of the Circle's writings. Methodologically, this is a theoretical-analytical study, with didactic intentions, as we comprehend that understanding the linguistic-philosophical basis on which a proposal for teaching speaking is based is fundamental for making decisions when conducting this practice in the classroom. The results of this study show us that there are similarities between the ideas of L. A. Marcuschi and the ideas of the Circle, because when dealing with concepts such as language, utterance and textual genres, the author weaves in the sociological and dialogical understanding of language, adding, however, to these terms, other evaluative tones, with the aim of making them more understandable to the teaching context.

Keywords: Linguistic ideas of the Circle; Marcuschi's linguistic ideas; Orality.

Palavras Iniciais

O ensino da oralidade, mesmo que seja contemplado como uma das práticas de linguagem em documentos parametrizadores como os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), ainda acaba por ser negligenciado no contexto da sala de aula, haja vista que tanto na formação inicial como continuada de professores não se enfatiza essa prática quanto o faz com as demais que envolvem a escrita. Por não se sentirem preparados e/ou não saberem exatamente como conduzi-la, os docentes optam, predominantemente, por trabalhar com práticas de leitura e de produção textual escrita, desarticuladas da prática da oralidade.

Porém, essa constatação não é recente. Marcuschi já nos chamava a atenção para esse fato desde a década de 1990 (Marcuschi, 1991, 1997a, 1997b para citar alguns de seus textos) e em anos posteriores (Marcuschi, 2001, 2004/05, 2005a, 2005b, 2007, 2008), quando apresenta, em seus escritos, uma ampla defesa do ensino da oralidade nas aulas de Língua Portuguesa, na busca de superar o mito da superioridade da escrita. Sua voz ecoou e continua ecoando ainda hoje em muitos outros estudos e

pesquisas voltadas para esse tema que, ao retomarem as ideias/proposições de Marcuschi para o ensino da oralidade, procuram ressignificá-la no contexto vigente.

Conhecedores dessa realidade, o que nos move, neste estudo, são os seguintes questionamentos: ao tratar da oralidade, em que bases linguístico-filosófica L. A. Marcuschi se ancora? Qual é a compreensão de língua(gem) – e, conseqüentemente, de enunciado e gênero (do discurso/textual) – defendida por ele? Esses são questionamentos que nos propomos a responder quando objetivamos estabelecer aproximações entre as ideias desse autor com considerações, de viés sociológico e dialógico, que constam nos escritos do Círculo (M. Bakhtin, V. Volóchinov e P. Medviédev). Logo, não é nossa intenção focar em uma discussão específica sobre práticas de ensino de oralidade, mas sim, buscar compreender a(s) base(s) que dá(ão) sustentação às ideias de Marcuschi quando trata dessa questão e a partir dessa(s) base(s), um diálogo com os escritos do Círculo.

Este artigo faz parte do Dossiê “Ensino de gêneros orais, práticas de oralidade e formação docente: uma homenagem a Luiz Antônio Marcuschi”, no qual nos propomos a refletir, mais especificamente, sobre os conceitos de língua(gem), de enunciado e de gênero (do discurso/textual) oriundos de suas obras.

Com esse intento, organizamos este texto a partir do seguinte recorte das ideias do Círculo, sempre na relação com as ideias de Marcuschi: primeiramente apresentamos algumas considerações de base linguístico-filosóficas sobre a língua(gem); em seguida, retomamos a compreensão de enunciado; na sequência, de gênero (do discurso/textual) e, por fim, de ideologia e valoração, conceitos estes entrelaçados/imbricados a outros, procurando sempre perceber as nuances dialógicas entre uma ideia e outra.

A língua(gem)³ sob um olhar dialógico

Nosso desafio inicial é retomar as considerações dos escritos de M. Bakhtin, V. Volochínov e P. Medviédev sobre a língua(gem). A tarefa não é fácil, dado o conjunto de escritos do Círculo e a densidade linguístico-filosófica de suas discussões. Com isso, nosso caminho responde a uma rota a partir de três pontos de ancoragem (frente a muitos e diversos outros que poderiam retomar as considerações do Círculo sobre língua(gem) que, neste artigo, balizam nossas reflexões). São eles: (i) as orientações linguístico-filosóficas sobre a língua(gem); (ii) o enunciado como unidade da comunicação discursiva; e (iii) os gêneros do discurso como enunciados tipificados nas interações sociais. O intuito é reenunciar considerações gerais sobre a língua(gem) para, em um segundo momento (especificamente na seção 3), propormos um olhar dialógico para a oralidade, como uma prática de linguagem.

A discussão se inicia pelas explicações de V. Volochínov (2013 [1928]) sobre o que este denomina como as mais recentes (do início do século XX) tendências do pensamento linguístico ocidental sobre a língua(gem). Em outras palavras, o autor nos apresenta suas reflexões sobre orientações de estudo da filosofia da língua(gem) sob as lentes de duas perspectivas: subjetivismo individualista e objetivismo abstrato. Embora, para Volochínov (2013 [1928]), seja complexo definir qual o objeto da filosofia da língua(gem),

³ Nos escritos do Círculo, não há diferença entre *língua* e *linguagem*, seja em função do léxico da língua russa, seja, sobretudo, consequência do pensamento não dualista/dicotômico do Círculo.

Na filosofia da linguagem e nos setores metodologicamente correspondentes da linguística geral, observamos duas tendências fundamentais na solução do nosso problema, ou seja, do *problema da evidenciação e delimitação da linguagem como objeto específico de estudo*. Isto, obviamente, implica uma divergência radical dessas duas tendências, talvez sobre todos os outros problemas conexos à ciência da linguagem (Volochínov, 2013 [1928], p. 103, grifos do autor)

A partir disso, iniciemos nosso debate sobre a orientação subjetivista de estudo linguístico. Nessa tendência, a base de estudo da língua(gem) é o ato individual criativo, isto é, a criação linguística de um sujeito único e desvinculado do social. A psique individual é vista como a fonte da criação linguística, ou seja, as leis de estudo da língua(gem) deveriam ser as leis da psicologia individual: “todo o resto do trabalho do linguista não tem mais do que valor preparatório, de constatação, de descrição e de classificação [...]” (Volochínov, 2013 [1928], p. 104) da língua(gem). Ademais, cabe ressaltar que, segundo Volochínov (2013 [1928]), os representantes dessa tendência linguístico-filosófica são W. Humboldt e K. Vossler.

Em um outro escopo, Volochínov (2013 [1928]) nos apresenta o objetivismo. Nessa orientação, podemos entender que tudo se organiza em torno do sistema linguístico, com todas as suas instâncias estruturais-sistêmicas voltadas às estruturas fonéticas, gramaticais e lexicais da língua. Para essa abordagem, a essência da língua(gem) está nas formas imanentes e idênticas a si mesmas, sendo, por isso, a variação individual criativa desconsiderada. O pensamento é dualista e dicotômico, além disso, nessa perspectiva “as leis da língua são leis linguísticas precisas que regulam o vínculo entre os signos linguísticos ao interior do sistema linguístico fechado” (Volochínov, 2013 [1928], p. 108). Seus maiores representantes são, em um primeiro momento, na Alemanha com G. Leibniz e, posteriormente, em contexto genebrino, com F. de Saussure.

Em uma discussão que discorda das duas tendências, porém com algumas ressalvas, Volochínov (2013 [1928]) nos apresenta um olhar sociológico para a língua(gem), sobretudo, porque, como afirma o autor, “a efetiva realidade da linguagem não é representada pelo sistema abstrato da forma linguística nem pela enunciação, mas pelo *acontecimento social da interação verbal, realizada com um ou mais enunciações*” (Volochínov, 2013 [1928], p. 129, grifos do autor). Dessa forma, diferentemente das tendências subjetivista e objetivista, na visão sociológica, “a interação verbal é, portanto, a realidade fundamental da língua” (Volochínov, 2013 [1928], p. 129). E, é a partir dessa última afirmação, que damos sequência a nossa reflexão.

Se a realidade fundamental da língua(gem) é a interação social, como se dá a materialidade da língua(gem) nas interações? Por meio de enunciados. O enunciado é uma unidade concreta da comunicação discursiva. Como explica Bakhtin (2003 [1952-1953]), todas as formas de uso linguístico se dão em enunciados, vistos como unidades reais, concretas e materiais da língua(gem). Os enunciados diferem-se das orações. Aqueles são unidades concretas da comunicação. Estes são unidades convencionais do sistema. Além disso, para Bakhtin (2003 [1952-1953]), o enunciado se constitui e se difere das orações, sobretudo, em função de três feições constitutivo-funcionais de qualquer enunciado: a alternância de sujeitos enunciativos, a conclusibilidade e a expressividade, que, em conjunto e engendradas, constituem os enunciados nas interações sociais.

Sobre a alternância, segundo Bakhtin (2003 [1952-1953]), todo enunciado tem autor e interlocutor; ambos são instâncias de interlocução e de trocas contínuas. Com isso, todo enunciado sempre é uma “ponte”: de um lado uma autoria e de outro um interlocutor, tornando qualquer enunciado organicamente responsivo. A conclusibilidade, por sua vez, diz respeito ao *dixi* conclusivo de todo ato enunciativo, isto é, ao seu relativo acabamento. E isso se dá por meio de três balizas: a exauribilidade semântico-objetal, a vontade discursiva e a forma típica enunciativa. Exaurir semanticamente um objeto discursivo é, de certa forma, enunciar tudo o que poderia ser dito em dado momento a fim de que o interlocutor possa compreender; a vontade discursiva é o projeto de dizer de todo sujeito-autor e, a forma típica dos enunciados corresponde aos gêneros do discurso.

Ao fim, a expressividade é toda projeção expressiva/de valor/de avaliação que consubstancia qualquer enunciado (nenhum enunciado é neutro). Sob essa perspectiva, os gêneros do discurso, segundo Bakhtin (2003 [1952-1953]) são, em suma, enunciados que se tipificam de forma relativamente estável nas interações sociais. Imagina-se tivéssemos que, a todo ato enunciativo, criar formas de comunicação. Os gêneros do discurso apresentam-se como modos sociais de dizer relativamente regularizados e normativos, a fim de que a interação aconteça. Bakhtin (2003 [1953-1953]) ratifica que só enunciamos na forma de gêneros do discurso e que

A língua materna – sua composição vocabular e sua estrutura gramatical – não chega ao nosso conhecimento a partir de dicionários e gramáticas, mas de enunciações concretas que nós mesmos ouvimos e nós mesmos reproduzimos na comunicação discursiva viva com as pessoas que nos rodeiam. Nós assimilamos as formas da língua somente nas formas das enunciações e justamente com essas formas. As formas da língua e as formas típicas dos enunciados, isto é, os gêneros do discurso, chegam à nossa experiência e à nossa consciência em conjunto e estreitamente vinculadas. Aprender a falar significa aprender a construir enunciados (porque falamos por enunciados e não por orações isoladas e, evidentemente não por palavras-isoladas). (Bakhtin, 2003 [1952-1953]), p. 282-283)

Dadas essas primeiras considerações, afirmamos, em síntese, que para o Círculo, não podemos discutir sobre língua(gem) sem abordarmos a questão da interação social e do enunciado. Para pensarmos mais sobre essa questão, na seção a seguir retomamos algumas das diversas e importantes considerações de L. A. Marcuschi sobre a língua(gem) para, na sequência, retomarmos essas duas seções iniciais para propormos um olhar dialógico para a língua(gem) oral em simpósio com as ideias de L. A. Marcuschi.

A Língua para L. A. Marcuschi

Depois de resgatarmos (brevemente) as orientações linguístico-filosóficas sobre a língua(gem) balizadas nas compreensões do Círculo, cumpre-nos, nesta seção, prosseguir com as reflexões, amparando-nos, agora, nas ideias de L. A. Marcuschi, a fim de buscarmos sua compreensão sobre língua(-gem). Para isso, reportamo-nos à *linguística enunciativa, de perspectiva interacionista e sociocognitivista*, lugar no qual Marcuschi se situa em suas muitas publicações (Marcuschi, 1991, 1997a, 1997b, 2001, 2004/05, 2005a, 2005b, 2007, 2008, para citar algumas).

Ao tratar da língua(gem), Marcuschi reportou-se mais especificamente à língua – ao ensino da língua oral e escrita – devido ao papel social que ocupou como professor e pesquisador. Nessa direção, afirma que busca seguir, em seus ensinamentos, a tese central defendida por Volóchinov (2017 [1929], p. 129) de que a “a interação verbal é, portanto, a realidade fundamental da língua”. Mais especificamente na obra *Produção textual, análise de gêneros e compreensão* (Marcuschi, 2008)⁴, a visão que adota “toma a língua como um conjunto de práticas enunciativas e não como forma descarnada” (Marcuschi, 2008, p. 19, grifos do autor). Ao fazer tal afirmação, o próprio autor reconhece a consonância dessa visão com o olhar sociológico para a língua(gem) apresentada por Volóchinov (2017 [1929]) em *Marxismo e Filosofia da Linguagem*.

L. A. Marcuschi reconhece, ainda, “o dialogismo como princípio fundador da linguagem” (Marcuschi, 2008, p. 20), situando-o no fato de que “*todo enunciado é sempre um enunciado de alguém para alguém*” (Marcuschi, 2008, p. 20, destaques do autor). Essa compreensão alicerça-se em Volóchinov quando diz que “o enunciado se forma entre dois indivíduos socialmente organizados” (Volóchinov, 2017 [1929], p. 204); e apreende parte do que Bakhtin (2010 [1963]) entende como dialogismo: 1) a natureza da vida da linguagem; 2) a constitutividade das relações dialógicas como extralinguísticas (sem desconsiderar, no conjunto, as relações lógicas, sem findarem-se); o estudo do discurso, ou seja, da língua como fenômeno integral concreto; 3) o estudo dos discursos afetados por outros discursos aos quais reagem; 4) a natureza das relações que se estabelecem entre o eu e o outro na vida da linguagem.

Amparado em tais pressupostos desenvolveu uma importante reflexão sobre as relações existentes entre a oralidade e a escrita, contrapondo-se, assim, a outras perspectivas, a dicotômica, a culturalista e a variacionista, que tratavam essas formas de uso da língua em posições opostas (como se uma não pudesse contemplar a outra).

Marcuschi (1997a) criticou a primeira tendência (perspectiva dicotômica) pelo tratamento formal dado à língua; e a segunda (perspectiva culturalista) pela supervalorização dada à escrita, em detrimento à oralidade, em uma sociedade desigualmente desenvolvida. Para o autor, ambas se mostram insensíveis aos aspectos dialógicos e discursivos da linguagem. Porém, enaltece a importância dos estudos variacionistas por reconhecerem que a língua não é homogênea nem uniforme, mas apresenta variações tanto na fala como na escrita. Segundo o autor, essa compreensão tira a primazia da escrita como o exemplo de padronização da língua, mas o autor entende que “fala e escrita não são propriamente dois *dialetos* mas sim duas modalidades de uso da língua” (Marcuschi, 1997a, p. 132, grifos do autor), aspecto este criticado pelo autor.

Por assim compreender e defender a língua, Marcuschi (2008) situa-se dentro de uma perspectiva *interacionista e sociocognitivista* da linguagem, a partir das quais entende e defende que há elementos sociais e cognitivos que interferem nos usos da língua. Nesse viés, a língua promove uma ação interindividual, um processo de interlocução que se realiza nas práticas sociais. Para Marcuschi, “a função mais importante da língua [...] é inserir os indivíduos em contextos sócio-históricos e permitir

⁴ Organizada para fins didáticos ao ensino da disciplina de Linguística 3, ministrada por Marcuschi no curso de graduação da UFPE, no segundo semestre de 2005, conforme consta no prefácio e na apresentação da obra.

que se entendam” (Marcuschi, 2008, p. 67). Logo, o interesse dessa orientação teórica se volta para as manifestações linguísticas produzidas por indivíduos concretos, sob determinadas condições, em situação de interação. Sendo assim,

A língua é um conjunto de **práticas sociais e cognitivas** historicamente situadas. [...] Tomo a língua como um **sistema de práticas cognitivas** abertas, flexíveis, criativas e indeterminadas quanto à informação ou estrutura. De outro ponto de vista, pode-se dizer que a **língua é um sistema de práticas sociais e históricas** sensíveis à realidade sobre a qual atua, sendo-lhe parcialmente prévio e parcialmente dependente esse contexto em que se situa. Em suma, a **língua é um sistema de práticas com o qual os falantes/ouvintes (escritores/leitores) agem e expressam suas intenções** com ações adequadas aos objetivos em cada circunstância (Marcuschi, 2008, p. 61, grifos nossos).

Como é possível observarmos, Marcuschi (e o sociocognitivismo interacionista) ancora a língua em dois pilares: **social** e **cognitivo**. **Social** porque entende que o estudo da língua requer sua inserção em interações verbais que envolvem situações formais e informais de uso. Dito de outro modo, é preciso compreender “a real função da língua na vida diária e nos modos de agir e interagir” (Marcuschi, 2008, p. 56) das pessoas. Portanto, a língua deve ser vista e estudada como uma atividade social e histórica, que sofre coerções da realidade sobre/na qual atua, dependendo “parcialmente” desse contexto. **Cognitivo** porque “tanto a fala como a escrita refletem formas de *organização da mente* através das próprias representações mentais” (Marcuschi, 1997a, p. 134, grifos do autor). Essas formas de uso da língua, segundo o autor, são modos de representações cognitiva e social que se revelam em práticas específicas.

Assim, a língua é vista como um sistema simbólico de grande maleabilidade, com o qual se pode dizer criativamente o mundo. E nisso reside seu viés cognitivo, pois para que haja progressão em um ato discursivo, segundo Marcuschi (2008), é preciso que haja relação entre a linguagem, o mundo e o pensamento. Sob a égide dessa orientação, entende que para ensinar a língua é preciso situá-la dentro de processos interativos, pois “*não existe um uso significativo da língua fora das inter-relações pessoais e sociais situadas*. [...] Isso quer dizer que todo uso autêntico da língua é feito em textos produzidos por sujeitos históricos e sociais de carne e osso” (Marcuschi, 2008, p. 23, destaques do autor).

É por meio de usos estratégicos, funções interacionais, envolvimento, negociação, situacionalidade, coerência e dinamicidade que a língua organiza seus enunciados. Sobre estes, mas especificamente, tratamos na seção a seguir, em uma relação mais direta com a oralidade.

Os enunciados orais sob um olhar dialógico: simpósio entre as discussões de L. A. Marcuschi e os escritos do Círculo

Cabe, inicialmente, reiterar que o Círculo, em seus escritos, aborda a questão da língua(gem) em suas múltiplas formas semióticas, sem discussões especificadas sobre uma delas. Com isso, vamos retomar as considerações do Círculo, mas, diferentemente deles, vamos, nesta seção, especificar para a oralidade. Assim como na seção 1, vamos orientar nossas reflexões a partir de pontos específicos à luz da totalidade da obra do Círculo. Ressaltamos, em adição, que não há viabilidade e exequibilidade

para retomarmos muitos pontos, mas nos guiamos pelas questões já discutidas na seção 1, em especial, as reflexões sobre enunciado e gêneros do discurso. Nossa proposta, assim, se caracteriza como um diálogo entre o que podemos retomar do Círculo e dos estudos de L. A. Marcuschi. Para tanto, ao propor alguns pontos para reflexão – mais precisamos três – que apresentamos nesta e na próxima seção, temos claro nosso olhar para as seções 1 e 2 já discutidas.

O primeiro ponto em torno do qual refletimos, nesta seção, é: *todo estudo da oralidade, como uma prática de linguagem, se dá por meio de enunciados orais que medeiam e materializam as plurais e diversificadas situações de interação social*. Isto é, na abordagem dialógica, as práticas orais de estudo da língua(gem) devem ser orientadas pelos usos sociais e, portanto, a partir de suas formas concretas e materiais – os enunciados. Não há possibilidade de estudo dos usos orais da língua(gem) a partir de unidades convencionais (produtos do subjetivismo e objetivismo), como palavras-isoladas, orações e textos inventados. É preciso que a oralidade seja compreendida como uma prática de uso da língua(gem) organicamente vinculadas às demandas, feições e coerções da interação social.

Com isso, as escolhas linguísticas, no ato enunciativo oral, respondem socialmente às instâncias constitutivo-funcionais dos enunciados (alternância, conclusibilidade e expressividade) estreitamente balizadas e referenciadas na interação. Em outras palavras,

A língua como sistema possui uma imensa reserva de recursos puramente linguísticos para exprimir o direcionamento formal: recursos lexicais, morfológicos (os respectivos casos, pronomes, formas pessoais dos verbos), sintáticos (diversos padrões e modificações das orações). Entretanto, eles só atingem direcionamento real no todo de um enunciado concreto. (Bakhtin, 2003 [1952-1953], p. 306).

Quando abordamos o estudo da língua(gem) sob as balizas da interação social, questões como autoria, interlocutor, horizontes espaçotemporais, horizonte valorativo, por exemplo, ascendem como instâncias fundantes para a constituição de sentido. Todo enunciado (oral, escrito e/ou com/em outra semiose) é autoral, isto é, se constitui a partir de uma instância de autoria. Não necessariamente uma autoria empírica, mas pode ser projetada discursivamente de diferentes formas (autoria coletiva, institucional etc.). Em contrapartida, todo enunciado é direcionado, todo enunciado se dirige a outrem, a um interlocutor. E o interlocutor participa da construção desse enunciado, à medida que a orquestração dos elementos linguísticos no interior do enunciado considera sempre o interlocutor.

Em conjunto, a interação social demanda um olhar para as questões das amplitudes espaçotemporais do enunciado, a saber, as referências ao tempo e ao espaço do enunciado: não apenas espaço físico, mas sobretudo, os espaços discursivos de produção, circulação e recepção. O tempo não diz somente respeito à passagem cronológica, mas, de fato, ao tempo discursivo, que rememora aspectos sociais, históricos, culturais, político-econômicos etc. Tanto o espaço quanto o tempo se engendram na configuração do enunciado em uma dada situação de interação. Ademais, cabe ressaltarmos a questão do horizonte valorativo, posto que todo enunciado é sempre um enunciado valorativamente constituído – por índices sociais de valor que avaliam a realidade social. Todas essas questões ratificam a visão sociológica de língua(gem), como discutido na seção 1.

Em consonância, nos estudos de Marcuschi (1997a, 1997b, 2008) que situa a oralidade em uma perspectiva interacionista e sociocognitivista, o autor entende que essa prática de uso da língua deve ser estudada em situações contextuais, vinculadas às demandas gerais que envolvem o seu uso. Conforme palavras de Marcuschi, “A oralidade [é] uma prática social que se apresenta sob as mais variadas formas ou gêneros textuais⁵ [...] e nos mais variados contextos de uso” (Marcuschi, 1997a, p. 126).

Assim compreendia, o autor entende que a oralidade deve ser ensinada tanto quanto a escrita, pois para além dos aspectos já dominados pela criança quando chega à escola, é preciso ensinar a “usar as formas orais em situações que o dia-a-dia nem sempre oferece, mas que devem ser dominadas” (Marcuschi, 2008, p. 55). Com tais palavras, Marcuschi quer nos dizer que todo ato enunciativo oral responde, da mesma forma que o ato escrito, às instâncias sociais que balizam e referendam as formas de dizer.

Para ensinar a oralidade, o caminho apresentado pelo autor é o texto. Embora Marcuschi (2008) afirme que o enunciado é o ponto de partida para o estudo da língua oral, quando diz que “o trabalho com a língua parte de enunciados e suas condições de produção para bem entender e produzir textos” (Marcuschi, 2008, p. 55), não nos fica claro, neste estudo, se sua compreensão de enunciado coaduna com a ideia do Círculo, pois não encontramos, nos escritos do autor, uma exposição mais ampla sobre esse termo, contemplando todas as feições constitutivos-funcionais (alternância de sujeitos, conclusibilidade e expressividade) tal como apresentadas, por exemplo, por Bakhtin (2003 [1952-1953]).

Quando trata da oralidade, esta prática relaciona-se com a fala, todavia, estabelece uma diferenciação entre ambas: segundo o autor, a fala é “uma forma de produção textual-discursiva para fins comunicativos na modalidade oral” (Marcuschi, 2004/05, p. 26), caracterizada pela utilização da língua em forma de sons, com algumas características específicas, envolvendo aspectos prosódicos e outros recursos expressivos, como gestos e movimentos do corpo. Já a oralidade é compreendida como uma prática social que se projeta em objetivos bem definidos manifestados em diferentes gêneros textuais: “[...] a oralidade seria uma prática social interativa para fins comunicativos que se apresenta sob várias formas ou gêneros textuais fundados na realidade sonora; ela vai desde uma realização mais informal à mais formal nos mais variados contextos de uso” (Marcuschi, 2004/05, p.25).

O autor defende, ainda, que os textos orais se organizam nas/para as relações sociais; portanto, a oralidade é uma prática social de uso da linguagem que se apresenta nos mais variados gêneros. Ao participar da vida social, ao interagir com os outros por meio da fala, o indivíduo organiza seu texto oral, formal ou informal, o qual orquestra “um conjunto de sons sistematicamente articulados e significativos” (Marcuschi, 2001, p.25).

Na sua relação com a abordagem dialógica, Marcuschi (1997a) entende que a fala é enunciado que concretiza práticas de uso da linguagem oral, organicamente vinculada e integrada às demandas do contexto de interação. Desse modo, a língua oral (assim como a língua escrita) reflete e refrata, em boa medida, a forma como a sociedade se organiza e como os indivíduos interagem. Isso porque, se-

⁵ Nos escritos do Círculo temos “gêneros do discurso” por considerarem que a linguagem se organiza por meio de discursos materializados em enunciados que, por sua vez, se tipificam em algum gênero. Porém, como Marcuschi focaliza, em seus estudos, o ensino da língua oral e escrita e tem o texto como unidade de materialização da língua, opta pelo termo “gêneros textuais”, entretecendo relações dialógicas com as ideias do Interacionismo Sociodiscursivo (Bronckart, 2004).

gundo Marcuschi, “a própria língua mantém complexas relações com as representações e as formações sociais” (Marcuschi, 1997a, p. 134). Em outras palavras, a língua não apenas reflete a sociedade, mas refrata sua funcionalidade.

Em suma, ao final, podemos entender que há aproximações e distanciamentos entre a visão de enunciado oral no ideário do Círculo e no de L. A. Marcuschi. Contudo, o que observamos é que há mais aproximações, deixando a visão de L. A. Marcuschi, em partes, associada à visão do Círculo sobre a vida da linguagem materializada na vida dos enunciados. E os enunciados orais são um exemplo dessa tese.

Os gêneros do discurso/textuais sob um olhar dialógico: compreensões do Círculo e de L. A. Marcuschi

Ainda sobre os enunciados, um segundo ponto precisa ser colocado: *todo estudo da oralidade, como uma prática de linguagem, se dá por meio de enunciados orais tipificados na forma de gêneros do discurso*. Como discutido na seção 1, toda vez que enunciamos, o fazemos, na forma de gêneros do discurso. Todo gênero, portanto, é um modo social relativamente estabilizado de enunciar, tornando a comunicação discursiva possível. Para tanto, três elementos se integram no todo do enunciado, tipificando-o à luz das demandas e feições das interações sociais e esferas da atividade humana: o conteúdo objetual, o estilo e a composicionalidade. E esses elementos precisam ser estudados na oralidade: o conteúdo objetual diz respeito ao que se discursiviza no gênero – um conteúdo temático específico que traz em si as marcas ideológicas e axiológicas da interação social e das esferas da atividade humana. Com isso, qualquer conteúdo objetual é sempre um reflexo e uma refração da realidade social. Não há conteúdos neutros, pois todo ato enunciativo em um dado gênero do discurso já é, por si, um matiz desse conteúdo.

O estilo, por sua vez, corresponde ao (re)dimensionamento de elementos lexicais, gramaticais e textuais da língua(gem) que, sob as lentes enunciativo-discursivas do gênero do discurso, orchestra e estrutura o enunciado de uma forma e não de outra. Assim, a seleção, o arranjo, a disposição e a combinação de elementos linguísticos no interior do enunciado não são aleatórios, mas sempre responsivos à arquetônica do gênero do discurso. Ademais, assim como o conteúdo objetual, todo estilo sempre carrega consigo as (de)marcações ideológicas e axiológicas da interação e das esferas sociais.

Em relação à composicionalidade, esta nos conduz a entender como todo gênero do discurso é balizado por uma dada orquestração de construção e relativo acabamento, ou seja, uma construção típica e com direcionamento aos interlocutores típicos.

Dessa forma, ao pensarmos a questão dos gêneros do discurso orais, na visão dialógica, significa, como já dito, analisarmos as dimensões sociais que reverberam na dimensão linguística desse enunciado típico. Para fins de esclarecimento sobre a importância do trabalho com gêneros do discurso para a análise da língua(gem) na vida concreta das interações sociais, retomamos algumas considerações de Medviédev (2012 [1928]). Para o autor,

[...] o gênero é uma forma típica de toda obra, do todo do enunciado. [...] O significado construtivo de cada elemento somente pode ser compreendido na relação com o gênero. [...] O gênero é uma totalidade típica do enunciado [...]. [...] Cada gênero é um tipo especial de

construção e acabamento do todo, sendo que, repetimos, trata-se de um tipo de acabamento temático e essencial, e não convencional [...]. [...]

Cada gênero é capaz de dominar somente determinados aspectos da realidade, ele possui certos princípios de seleção, determinadas formas de visão e de compreensão dessa realidade, certos graus na extensão de sua apreensão e na profundidade de penetração nela (Medviédev, 2012 [1928], p. 193-196).

Marcuschi (2005a), em concordância, explica que as orientações de M. Bakhtin sobre gêneros do discurso como enunciados relativamente estáveis, deveriam ser revisitadas dadas as várias incongruências e enviesamentos do que, de fato, o autor russo explica. Para Marcuschi (2005a), o que M. Bakhtin explicita é a ênfase no *relativamente* e não no *estável*, pontuando claramente que os gêneros do discurso são plásticos e fluidos e não rigidamente estáveis. “Contudo, para muitos, o aspecto mais interessante foi a noção de *estabilidade* tida como essencial para a afirmação da forma, mas, no ponto de vista enunciativo [...], a noção de *relatividade* parece [...] captar as fronteiras fluidas dos gêneros (Marcuschi, 2005a, p. 17, grifos do autor).

Com essas palavras o autor critica a ênfase que o ensino tem dado aos gêneros como modelos estanques, estruturas rígidas, focando-se, assim, muito mais nas marcas estáveis que diferenciam/caracterizam um gênero, tipificando-o. Todavia, mais importante que isso, segundo Marchuschi (2008), são suas “formas culturais e cognitivas de ação social corporificadas de modo particular na linguagem, temos que ver os gêneros como entidades dinâmicas” (Marcuschi, 2008, p. 156) que se relacionam diretamente ao domínio discursivo no qual estão inseridos. O termo “domínio discursivo” para Marchuschi (2008, p. 155) corresponde à “esfera de atividade humana no sentido bakhtiniano do termo [...] não abrange um gênero em particular, mas dá origem a vários deles [...] institucionalmente marcados”.

Embora reconheça que os escritos de Bakhtin tenham alimentado muitos estudos, especialmente a perspectiva “vygotskyana socioconstrutivista da Escola de Genebra representada por Schneuwly/Dolz e pelo interacionismo sociodiscursivo de Bronckart” (Marcuschi, 2008, p. 152), Marcuschi, ao tratar dos gêneros textuais (orais e escritos), sustenta seus estudos e proposições especialmente na perspectiva interacionista e sociodiscursiva (Bronckart, Doz e Schneuwly), uma vez que estas abordagens dispõem um olhar mais didático ao ensino dos gêneros.

Assim embasado, Marcuschi defende a tese de que

É impossível não se comunicar verbalmente por algum gênero, assim como é impossível não se comunicar verbalmente por meio de textos. Isso porque toda manifestação verbal se dá sempre por meio de textos realizados em algum gênero. Em outros termos, a comunicação verbal só é possível por algum gênero textual (Marcuschi, 2008, p. 154).

Ao optar por tratar os gêneros como “textuais”, diferentemente de Bakhtin e o Círculo que o entendem como “gênero do discurso”, baliza, nesse conceito, o entendimento de que “a análise de gêneros engloba uma análise do texto e discurso em uma descrição da língua e da sociedade” (Marcuschi, 2008, p. 148). A partir dessas palavras, entendemos que, devido à sua filiação teórica (linguística enunciativa, de perspectiva interacionista e sociocognitivista), a relação de seus estudos e pesquisas com a Linguística Textual e, ainda, por mostrar afinidade (em seus escritos) com as ideias do interacio-

nismo sociodiscursivo, Marcuschi focaliza, na análise e estudo dos gêneros, muito mais seus aspectos textuais do que discursivos. E isso justifica a sua opção pelo termo “gêneros textuais”.

No caso de gêneros orais, a descrição se volta para as diferentes formas de dizer/de enunciar que, segundo o autor, a depender do gênero, pode ser mais formal ou mais informal. Uma conversa entre amigos, por exemplo, tende a materializar uma linguagem oral informal; uma conferência, por outro lado, tende a aproximar-se de uma linguagem formal. Balizado por essa compreensão, L. A. Marcuschi defende a ideia de que dominar um gênero, seja ele oral ou escrito, significa, “realizar linguisticamente objetivos específicos em situações sociais particulares” (Marcuschi, 2008, p. 154), uma vez que os gêneros, segundo o autor, legitimam formas de interação, na sua relação com o contexto sócio-histórico de produção. Os gêneros textuais, são, assim,

[...] os textos que encontramos em nossa vida diária e que apresentam **padrões sociocomunicativos característicos** definidos por **composições funcionais, objetivos enunciativos e estilos** concretamente realizados na integração de forças históricas, sociais, institucionais e técnicas. [...] os gêneros são entidades empíricas em situações comunicativas e se expressam em situações diversas [...] (Marcuschi, 2008, p. 155, grifos nossos).

Nessa definição de gênero apresentada por Marcuschi, entendemos que há um diálogo entretecido com os escritos de Bakhtin, que revozeiam o entendimento de que os gêneros orquestram uma determinada composição, organizam-se em função de um objetivo e apresenta um estilo próprio, elementos estes que são responsáveis pela arquitetônica do gênero na sua relação com a esfera social (ou domínio discursivo, conforme Marcuschi). E, sobre este aspecto, o autor afirma que “não se pode tratar os gêneros do discurso⁶ independente de sua realidade social e de sua relação com a atividade humana” (Marcuschi, 2008, p. 155).

Por estarem tão diretamente vinculados às esferas de atividade humana (ou domínios discursivos), o autor argumenta que os gêneros condicionam os usos da língua, pois ao produzirmos um texto oral ou escrito, nossas escolhas não são totalmente livres nem aleatórias; mas exigem que nos limitemos, em parte, àquilo que ele permite dizer/escrever tendo em vista o tema, o estilo e a construção composicional que o organiza. Em uma aula, por exemplo, o professor é cerceado, ao produzir esse gênero oral, pela posição social que ocupa, pela esfera social na qual está inserido, pelo tema e também pelos seus interlocutores. Mas, ao mesmo tempo, ao produzir um texto, o gênero faz “um convite a escolhas, estilos, criatividade e variação” (Marcuschi, 2008, p. 156). Cabe ao autor aceitar ou não esse convite e ousar em seu estilo, criatividade e variações do uso da língua, mas de forma responsável.

Em síntese, no que diz respeito aos gêneros, Marcuschi (2005b) explica que eles “[...]contribuem para ordenar e estabilizar as atividades comunicativas do dia a dia. São entidades sociodiscursivas e formas de ação social incontornáveis em qualquer situação comunicativa” (Marcuschi, 2005b, p. 19), compreensão essa que se aproxima e coaduna com as ideias do Círculo.

⁶ Nessa fala, Marcuschi trata os gêneros como “gêneros do discurso”.

***Ideologias e valorações* sob um olhar dialógico: compreensões do Círculo e de L. A Marcuschi**

O terceiro ponto que reiteramos neste texto é que *todo enunciado oral é sempre engendrado às ideologias e axiologias sociais* (como já dito nas seções anteriores). Ao entendermos, com base em Volochínov (2013 [1930a]), que a ideologia são formas sociais de compreender e apreender a realidade, podemos afirmar que, em uma visão dialógica, todo enunciado oral é sempre ideologicamente constituído. Não havendo a possibilidade de enunciados neutros, ao enunciarmos, sempre trazemos junto uma certa visão de mundo, uma certa posição sobre a realidade e uma certa forma de compreender essa realidade.

Na voz de Volochínov, “por ideologia, entendemos todo o conjunto de reflexos e *interpretações* da realidade social e natural que se *sucedem no cérebro do homem*, fixados por meio de palavras, desenhos, esquemas ou outras formas *sígnicas*” (Volochínov, 2013 [1930a], p. 138, grifos do autor) Ademais, o autor assim nos esclarece:

A palavra, por sua própria natureza intrínseca, é desde o início um fenômeno puramente ideológico. Toda realidade objetiva da palavra consiste exclusivamente na sua destinação de ser um signo. Na palavra não existe nada que seja indiferente a esta destinação e que não tenha sido por ela gerado. Todavia, a palavra, sendo um fenômeno ideológico, é ao mesmo tempo também parte da realidade material. Para dizer a verdade, o material de que é composta é bastante particular e não lhe pode tocar com as mãos, nem provar seu gosto, nem medir com a régua, nem pesar com a balança.

Esse material é o som que é produzido pelo movimento de nossos órgãos da fala e que, como sabemos hoje, é regulado pelas leis da realidade material, pelas leis da natureza. Para ser uma palavra, no entanto, não basta esta base acústica e fisiológica. De fato, um som ainda que articulado não se torna uma palavra se não ‘denotar’ qualquer coisa que reflita e expresse fenômenos da realidade objetiva – ou seja, os fenômenos da natureza ou da consciência social. Sem esta compreensão, a palavra não será palavra. (Volochínov, 2013 [1930b], p. 193-194).

Além disso, na perspectiva dialógica, todo enunciado é sempre avaliativo, isto é, carrega um certo tom, uma certa posição axiológica. Toda vez que enunciamos, enunciamos posições de valor, avaliamos a realidade por meio de nossos enunciados. E essa avaliação social, por sua natureza axiológica, integra-se à ideologia, dando-lhe um tom. Além disso, a avaliação social determina todos os usos dos elementos linguísticos no interior do enunciado, como bem explica Medviédev, “no enunciado, cada elemento da língua tomado como material obedece às exigências da avaliação social” (Medviédev, 2012 [1928], p. 185). E a avaliação social encontra sua expressão na entonação. Esta corresponde ao ‘colorido’ social, histórico e ideológico, provocando diferentes sentidos para os elementos linguísticos a cada situação de interação. Ou ainda,

Iremos chamar de avaliação social justamente essa atualidade histórica que reúne a presença singular de um enunciado com a abrangência e plenitude do seu sentido, que individualiza e concretiza o sentido e compreende a presença sonora da palavra aqui e agora. Pois é essa avaliação social que atualiza o enunciado tanto no sentido da sua presença fatural quanto no

do seu significado semântico. Ela determina a escolha do objeto, da palavra, da forma e a sua combinação individual nos limites do enunciado. (Medviédev, 2012 [1928], p. 184).

A avaliação social é, assim, a mais pura expressão dos valores que organizam o comportamento e as ações dos sujeitos e, conseqüentemente, seus enunciados, imprimindo-lhes tons valorativos, fundindo-se, dessa forma, às palavras, ao objeto, à forma de dizer. A entonação, nesse caso, age na fronteira entre o verbal e o não verbal, entre o dito e o não dito, estabelecendo uma relação orgânica entre o enunciado e a vida.

Mais especificamente no que diz respeito aos gêneros orais, essas marcas ideológicas e valorativas se tornam mais evidentes na/pela entonação. Ao emitir um som vocal, a modulação da voz pode variar e, a depender da altura ou modo de articulação, poderá evidenciar ou sugerir a intenção do locutor, sua avaliação em relação ao tema e/ou ao interlocutor, pois “a mais simples entonação da voz humana é a expressão mais pura e imediata da avaliação” (Volóchinov, 2013 [1928], p. 236-7).

Marcuschi (2004/05) parece compartilhar dessa ideia quando trata os gêneros (escritos e orais) como atividades discursivas que “*se prestam aos mais variados tipos de controle social e até mesmo ao exercício do poder*” (Marcuschi, 2004/05, p. 8, grifos do autor). Em seguida, o autor reafirma que “*os gêneros textuais são a nossa forma de inserção, ação e controle social*” (Marcuschi, 2004/05, p. 8, grifos do autor). Com essas palavras, o autor quer defender que os gêneros carregam consigo muito mais do que sua “tipicidade”; são eles que restringem, motivam, estimulam, organizam nossos discursivos e, de certa forma, nos situam nos espaços sócio-políticos.

Ainda, segundo o autor, são os gêneros que dão legitimidade à vida, aos nossos discursos nos diferentes domínios discursivos, uma vez que, por serem imbuídos de valorações e ideologias, comportam-se como guias que expressam/compreendem uma certa visão de mundo e de realidade. Logo, “como as atividades discursivas estão organizadas em gêneros, esses são as verdadeiras formas de vida” (Marcuschi, 2004/05, p. 11) que enunciam valorações, especialmente da esfera com a qual estão interligados.

O autor defende a ideia, também, de que grande parte das atividades discursivas, e aqui reportamo-nos, mais especificamente, às atividades orais, serve para o controle social, uma vez que, ao fazermos uso da língua oral queremos exercer algum tipo de poder ou de influência sobre o outro, de modo que prevaleça nossas valorações. Essa compreensão dialoga como Volochínov (2013 [1930]) quando afirma que toda palavra reflete e refrata fenômenos da realidade, denotando seus sentidos, pois a “*palavra está sempre repleta de conteúdo e de significação ideológica ou cotidiana.*” (Volochínov, 2013 [1930], p. 181, destaque do autor). São os gêneros, portanto, que situam as palavras em um espaço-tempo, em um contexto sócio-histórico, imbuindo-a de tons valorativos.

Sendo assim, Marcuschi (2004/05) enaltece a importância do ensino da língua oral por meio dos gêneros, pois ao aprender a fazer uso da língua recorrendo-se a diferentes gêneros, apreende-se formas de ação social, formas de vidas, de interação que contribuem significativamente para emancipação do sujeito e sua manifestação na sociedade, uma vez que “os gêneros não são apenas artefatos ou objetos discursivos, mas também práticas sociais” (Marcuschi, 2004/05, p. 21) de linguagem.

Em termos gerais, procuramos, no quadro seguinte, estabelecer um paralelo entre as ideias de L. A. Marcuschi e os escritos do Círculo, com o propósito de tornar mais aparente as relações dialógicas que Marcuschi estabelece com essa compreensão linguístico-filosófica da linguagem:

Quadro 1. Síntese sobre algumas das orientações de estudo dialógico da língua(gem)

| Ideias analisadas | Compreensões do Círculo | Compreensões de Marcuschi |
|---|---|--|
| Tendência linguístico-filosófica de base | O estudo da oralidade, como prática de linguagem, se dá a partir de uma postura linguístico-filosófica de base sociológica, diferentemente de visões subjetivista e objetivista. | O estudo da língua oral, compreendida como uma prática de uso da linguagem, sustenta-se na linguística enunciativa, de perspectiva sociointeracionista e de base sociocognitivista. |
| Concepção de língua(gem) | Língua(gem) vista como construto social que se constitui e funciona nas interações sociais no interior das/dos plurais esferas/campos da atividade humana. | A língua é vista como um conjunto de práticas sociais, cognitivas e históricas, com as quais os falantes/ouvintes agem e expressão suas intenções, com vistas à interação. |
| Esferas/campos das atividades humanas | Espaços sociais nos quais os discursos se regulamentam, legitimam e relativamente se estabilizam. São campos de criação ideológico-axiológica. No interior das/dos esferas/campos da atividade humana, as situações de interação se constituem e funcionam. | Domínios discursivos constituídos como esferas de atividade humana que organizam vários gêneros, institucionalizando-os e instaurando neles relações de poder. |
| Interação | Situações sociais nas quais as interlocuções e as relações intersubjetivas se formam. Situações sociais mediadas pelas formas materiais e concretas do discurso – os enunciados. Estes engendrados em horizontes espaçotemporais, temáticos e ideológico-valorativos. | Tese central: “A interação verbal é, portanto, a realidade fundamental da língua” (Volochinov, 2013 [1928], p. 129). Ação interindividual, um processo de interlocução que se realiza nas práticas sociais. |
| Enunciado | Unidade da comunicação discursiva. Forma material e concreta do discurso. Diferentemente das orações – unidades convencionais da língua, os enunciados são unidades reais da interação. São constituídos pelas instâncias da alternância de sujeitos discursivos, conclusibilidade e expressividade e suas formas típicas são os gêneros do discurso. | Forma de produção textual-discursiva para fins comunicativos, devendo ser tomado como ponto de partida para o estudo da língua. São, portanto, unidades concretas de uso da fala e da escrita, organicamente vinculadas e integradas às demandas do contexto de interação. |

Quadro 1. Continuação

| | | |
|-------------------------------------|---|--|
| <p>Gêneros do discurso</p> | <p>Enunciados relativamente estabilizados que se tipificam no interior das esferas/campos da atividade humana. São formas típicas de interação que relativamente se normatizam por meio do seu conteúdo temático, estilo e composição engendrados no todo da arquitetura discursiva do gênero.</p> | <p>Gêneros textuais são formas de comunicação verbal materializadas em textos; são padrões sociocomunicativos definidos por composições funcionais, objetivos enunciativos e estilos concretamente realizados na integração de forças históricas, sociais, institucionais e técnicas. [...] os gêneros são entidades empíricas em situações comunicativas e se expressam em situações diversas [...] (Marcuschi, 2008, p. 155)</p> |
| <p>Ideologia e valoração</p> | <p>Modo social de compreender e apreender a realidade social por meio das interações. Toda ideologia é semiótica. Com isso, todo enunciado é sempre ideologicamente constituído. Não há enunciados neutros. A valoração ou avaliação social diz respeito ao como axiologicamente avaliamos o mundo por meio da língua(gem). A valoração se materializa em sua forma mais típica – na entonação.</p> | <p>Tipo de controle social, exercício de poder, forma de ação social. Os gêneros dão legitimidade aos nossos discursos, pois comportam-se como guias que expressam/compreendem uma certa visão de mundo e de realidade. Logo, “como as atividades discursivas estão organizadas em gêneros, esses são as verdadeiras formas de vida” (Marcuschi, 2004/05, p. 11).</p> |

Fonte: elaborado pelos autores

Ao procurarmos estabelecer um diálogo entre as ideias do Círculo e as ideias de L. A. Marcuschi, percebemos que este professor e pesquisador buscou ressaltar, em seus estudos e pesquisa, a natureza valorativa da língua, dos enunciados, dos gêneros (do discurso/textuais), mostrando, assim, que, dentre outras correntes teóricas com as quais dialogou, dialoga também com os escritos do Círculo.

Embora defenda uma base sociocognitiva no estudo da língua, alicerça-se, predominantemente, em um viés sociológico, por estudá-la/tratá-la como uma prática social, por meio da qual as pessoas interagem. Logo, a interação verbal é a tese central na qual sustenta o ensino de língua. E, nessa direção, reconhece textos como unidades discursivas que se organizam em determinado gênero textual, pois, segundo Marcuschi (2008), todo gênero materializa-se em um texto. Esses textos, por sua vez, são formas de ação social que exercem (ou pretendem exercer) determinado controle sobre o outro.

Por fim, ousamos afirmar que há, sim, aproximações entre as ideias de L. A. Marcuschi com as ideias do Círculo, pois a partir da leitura de obras de Bakhtin, por exemplo, revozeia diversos conceitos (língua, texto, gêneros, valorações), impregnando-lhes com mais tons avaliativos, na perspectiva de torná-los compreensíveis e viáveis para o contexto do ensino.

Palavras finais e provisórias

Em nossa discussão, propomo-nos a debater sobre uma proposta de estudo da língua(gem) oral a partir de uma visão dialógica à luz dos escritos do Círculo. Em conjunto, a partir dessa proposta, dialogar com as ideias de L. A. Marcuschi, a fim de buscar aproximações, visando um olhar *desfron-teiriço* para o trabalho com a oralidade. Em outras palavras, nossa visada direciona-se a relacionar os dois ideários.

Após o empreendimento desse estudo, conseguimos visualizar que nas ideias apresentadas por Marcuschi para o estudo da língua (oral e escrita) há muitas aproximações com as ideias do Círculo. O autor busca, nessa base linguístico-filosófica, orientação para fundar sua concepção de língua, de texto e de gênero, embora ao reenunciá-los, demonstre estabelecer diálogos também com outras correntes teóricas (Interacionismo Sociodiscursivo, por exemplo), haja vista seu interesse pragmático no ensino.

Mesmo assim, é inegável a contribuição de L. A. Marcuschi para o trabalho com o ensino da oralidade e da escrita como práticas de linguagem. Seus trabalhos não apenas inspiram como solidificam um percurso de pesquisa no campo, mais especificamente, da oralidade no Brasil. Nossa proposta, ainda introdutória, busca um diálogo entre reflexões marcuschianas e dialógicas do Círculo, não apenas reiterando o quanto se aproximam, mas, sobretudo, ressaltando a potencialidade dos dois ideários.

Referências

- BAKHTIN, M. 2010 [1963]. O discurso em Dostoiévski. In: BAKHTIN, M. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Tradução: Paulo Bezerra. 5.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, p. 207-211.
- BAKHTIN, M. 2003 [1952-1953]. Os gêneros do discurso. In: BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, p. 261-306.
- MARCUSCHI, L. A. 1991. *Análise da Conversação*. 2. ed. São Paulo: Ática, 96p.
- MARCUSCHI, L. A. 1997a. Oralidade e Escrita. *Signótica*, Goiânia, 9(1): 119-145.
- MARCUSCHI, L. A. 1997b. Concepção de língua falada nos manuais de português de 1º e 2º graus: uma visão crítica. *Trab. de Ling. Apl.*, Campinas, (30): 39-79, jul/dez.
- MARCUSCHI, L. A. *Da fala para escrita: atividades de retextualização*. São Paulo: Cortez, 2001, 136p.
- MARCUSCHI, L. A. 2004/05. O Papel da Atividade Discursiva no Exercício do Controle Social. *Cadernos De Linguagem E Sociedade*, 7, 07-33. <https://doi.org/10.26512/les.v7i0.9697>
- MARCUSCHI, L. A. 2005a. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, A. P. (et. al.). *Gêneros textuais e ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, p. 19-36.
- MARCUSCHI, L. A. 2005b. Gêneros textuais: configuração, dinamicidade e circulação. In: KARWOSKI, A. M (et.al). *Gêneros textuais: reflexões e ensino*. Palmas e União da Vitória, PR: Kaygangue, p. 17-34.

MARCUSCHI, L. A. 2007. *Cognição, Linguagem e Práticas Interacionais*. Rio de Janeiro: Lucerna 2007 (Série Dispersos). 176p.

MARCUSCHI, L. A. 2008. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola, 296p.

MEDVIÉDEV, P. N. 2012 [1928]. *O método formal nos estudos literários: introdução crítica a uma poética sociológica*. São Paulo: Contexto.

VOLÓCHINOV, V. N. 2013 [1928]. As mais recentes tendências do pensamento linguístico ocidental. In: VOLOCHÍNOV, V. N. *A construção da enunciação e outros ensaios*. São Carlos: Pedro & João Editores, p. 101-130.

VOLOCHÍNOV, V. N. 2013 [1930a]. Que é a linguagem In: VOLOCHÍNOV, V. N. *A construção da enunciação e outros ensaios*. São Carlos: Pedro & João Editores, p. 131-156.

VOLOCHÍNOV, V. N. 2013 [1930b]. A palavra e suas funções sociais. In: VOLOCHÍNOV, V. N. *A construção da enunciação e outros ensaios*. São Carlos: Pedro & João Editores, p. 189-212.

VOLÓCHINOV, V. N. 2017 [1929]. *Marxismo e Filosofia da Linguagem: Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. Tradução de Sheila Gillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 376p.

Submetido: 10/09/2024

Aceito: 20/10/2024